

O reaccionário



ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA

As crónicas do Nelson Rodrigues são agora a minha leitura predilecta. Tenho mesmo alguns dos seus livros de crónicas que já li mais do que uma vez. Este gosto pela sua leitura tem que ver com a leveza do seu estilo. É uma leitura que não nos cansa, em que a gente fica presa à sua maneira de escrever.

Já contei que comecei por não gostar do Nelson Rodrigues. Eu tinha dois brasileiros como referência na minha condição de católico inconformado. Eram exactamente o Tristão de Atayde (o Dr. Alceu Amorim Lima) e o arcebispo de Recife e Olinda, o Dom Helder Câmara. Ora era rara a crónica do Nelson que não tecesse críticas a um ou a outro ou aos dois. Mesmo nessa altura eu lia as suas crónicas, embora não concordando com elas, mas não conseguia deixar de as ler até ao fim. Isto revelou-me uma parte do mistério da escrita: a maneira de escrever, o estilo de escrita devia ter mais autonomia em relação ao próprio conteúdo do texto. Existe um outro escritor que me lembra pelo estilo: o Eça de Queirós. Eu era de opinião que o Eça escrevia tão bem que a gente não se dá conta de que os seus livros são maus.

O Nelson tem uma comunicabilidade de escrita rara. Em *A menina sem estrela* contam-nos traços autobiográficos sem pudor nenhum. A sua vida de jornalista, a doença no sanatório de Campos de Jordão, a virgindade perdida, a sua relação com o amigo como o Otto Lara Resende são contadas com uma proximidade que nos provoca uma adesão imediata ao texto e à sua força.

É neste livro que vem uma crónica de que já aqui falei em que conta um almoço que teve com o Otto quando ele regressou de uma viagem à Noruega em que ele vinha completamente desmoralizado com o desenvolvimento. Mas há mais: há outras crónicas que são pequenas obras-primas que deviam servir de exemplo para medir o grau de adesão que temos a um texto.

Um escritor tem uma certa responsabilidade na adesão que temos com o seu texto. Eu

Um escritor tem uma certa responsabilidade na adesão que temos com o seu texto. Eu sou um leitor que exige dos livros que leio uma qualidade de estilo. É que ele faz parte da nossa relação com a escrita.

sou um leitor que exige dos livros que leio uma qualidade de estilo. É que ele faz parte da nossa relação com a escrita. Tenho pena de alguns escritores cuja escrita torna os seus textos indecifráveis.

Eu sou sensível à qualidade da escrita que para mim faz parte da comunicabilidade de um texto.

Como escritor, procuro cuidar da comunicabilidade da minha escrita sem a qual é difícil agradar ao leitor. Considero, por exemplo, que o romance de Almada Negreiros *Nome de Guerra* é dos textos mais bem escritos da literatura contemporânea. Nele se vê que a comunicabilidade resulta uma consequência do estilo, da maneira de escrever do autor.

Os textos do Nelson Rodrigues têm essa vantagem: são comunicáveis. O leitor fica quase dependente do texto e o poder de comunicação é imediato. Ele tem um livro chamado *O reaccionário* em que desvenda o erro do compromisso das esquerdas com as ditaduras e acusa de cobardia essa situação de que ele próprio já sofreu. Ele diz: "Sou um ex-cobarde." E é claro o tipo de obstáculos que impedem o pensamento de esquerda de viver a liberdade.

Para ler o Nelson Rodrigues, é necessário vencer o mito que prende o pensamento da esquerda em relação à liberdade. E é nisso que os livros do Nelson Rodrigues estão à frente do pensamento contemporâneo. Eles já passaram à frente desse processo de integrar a liberdade no pensamento. A verdade é que a denúncia da falta de liberdade no pensamento contemporâneo passa por posições a que chamamos reaccionárias. ●